


ISSN 1646-4202

# museal

N.º 3 | MAIO DE 2008 | REVISTA DO MUSEU MUNICIPAL DE FARO



Museus de fronteira.  
Fronteira como museu.

# Ficha Técnica

## Título

**MUSEAL** – Revista de Museologia do Museu Municipal de Faro

## Edição

Câmara Municipal de Faro/ Museu Municipal de Faro

## Presidente da Câmara

José Apolinário

## Vice-Presidente

Augusto Miranda

## Departamento de Cultura e Património

Conceição Pinto

## Divisão de Museus/Direcção MUSEAL

Dália Paulo

## Investigador responsável

Luís Jorge Gonçalves

## Conselho Científico

António Nabais

Clara Camacho

João Brigola

José d'Encarnação

Rui Parreira

## Textos

Aida Rechená

António Nabais

Dália Paulo

Dulce Helena Pires Borges

João Carlos Brigola

João Ventura

José d'Encarnação

Juan Valadés Sierra

Luís Jorge Gonçalves

Manuel Calado

Manuel Coronilla Castro

Maria José Peres del Castillo

Olga Duarte Piña

Samantha Coleman Aller

## Design

Sandra Guerreiro – Museu Municipal de Faro

## Logótipo

Ideias em Baú, Comunicação e Marketing, Lda

## Tradução

Luís Santos – Museu Municipal de Faro

## Revisão inglês

Ruth Gale

## Impressão

Gráfica Comercial

## Depósito Legal

242162-4202

## ISSN

1646-4202

## Data

Maio de 2008

## Tiragem

1000 exemplares

Solicita-se permuta.

Se solicita permuta.

We request Exchange.

On prie l'échange.



*MESA – Museu da Escrita do Sudoeste.*

*Almodôvar. 38 pág., ilustrado.*

Detém o livrinho a aparência de opúsculo e de certo quase como tal deve ter sido pensado, de modo que, a um primeiro relance, se estranharia a sugestão de sobre ele se escreverem algumas linhas em jeito de recensão. Na verdade, na ficha técnica, não há menção de ISBN, não se escreveu data, não se explicita o editor... Mas justificam-se, a meu ver, umas palavras de justo encómio pela iniciativa, registando-se aqui os dados disponíveis, pelo que ela detém de inovador e de significativo alcance histórico.

Primeiro, por se situar em Almodôvar, bem no interior meridional do País, onde o vulgar cidadão diria que nada acontece de relevante do ponto de vista cultural; depois, pela singularidade do projecto, que pretende sublinhar a enorme importância que detém a singularidade da escrita do Sudoeste, ainda hoje por decifrar, não obstante todas as teorias que, ano após ano, se architectam para trazer sentido mais ou menos escorreito aos signos patentes nas estelas.

Depois, porque, mercê de valiosos contributos e apoios, particulares e institucionais, essa aspiração ganhou corpo.

O projecto museológico foi encomendado à empresa Arqueohoje, sob a coordenação técnica de Pau-

lo Celso Fernandes Monteiro (que é também o autor das fotografias) e Pedro Sobral de Carvalho; os textos são da autoria de Amílcar Guerra, o investigador que, de momento, mais trabalho vem desenvolvendo no âmbito das línguas paleo-hispânicas, integrando, aliás, desde o Congresso de Barcelona (Outubro de 2004), a Comissão Internacional que superintende a essas reuniões científicas, de que a próxima edição (em 2009) está prevista precisamente para Portugal. Pela Câmara entrevistaram no projecto Rui Santana e Rui Cortes.

Dir-se-á logo à partida que, apesar da sua singeleza, o livro está muito bem apresentado, com uma maquetização bem sugestiva, em que se alterna o encanto da paisagem com a eloquência dos documentos.

Foi a exposição «Almodôvar território em escrita» (um título bem sugestivo!) com que abriu o Museu da Escrita do Sudoeste, o pretexto para a publicação deste 'catálogo'. Releva-se, na introdução, o facto de estarmos perante um conjunto de signos datáveis de há mais de 2500 anos e que teve a sua origem no contacto com os Fenícios, povo comerciante que demandou a Península. Por conseguinte, afirma-se que esta forma de escrita parte de uma «matriz fenícia», «simples e funcional» (p. 12), que serviu «para transcrever a(s) língua(s) desta região» (p. 8). Tal poderia parecer um contra-senso, se tivermos em conta que predominantemente os contactos com os povos do Mediterrâneo se teriam processado no litoral; é, porém, aqui que existe, até ao momento, a maior concentração de achados com este tipo de escrita. Adianta-se que «sempre que possível» se adoptaram, nesse processo de aculturação, signos já existentes, com o valor fonético que lhes era atribuído; mas que também houve necessidade de «inventar novas letras» (p. 12).

Não chega a uma centena o número de inscrições achadas até hoje; sabe-se, todavia, que, nascida no seio do povo tartéssico, associada também aos Cónios ou Cinetes, apresenta aos investigadores, para além da inacessibilidade da sua compreensão, a dificuldade de uma relação estreita e convincente com os vestígios arqueológicos que lhe poderão estar associados.

Vários – inúmeros mesmo – os estudiosos que se têm debruçado sobre esses monumentos epigrafados, estelas destinadas mui certamente a serem colocadas à cabeceira de sepulturas. Opina-se, por isso, que serão, fundamentalmente, de teor funerário esses escritos; está, no entanto, muito ainda por descortinar com segurança.

Do ponto de vista museológico – e porque nos estamos a referir a um catálogo – interessará finalmente sublinhar que se traz a ficha mui sintética (proveniência, localização, medidas) de cada uma das 24 peças (identificadas por um desenho) e que, no final, há duas páginas em que didacticamente se incita o leitor e visitante a treinar essa estranha escrita, repetindo, como nos primeiros anos de escola, o desenho de cada signo identificado.

De forma muito singela, portanto, se pretende iniciar o público em geral numa problemática assaz complexa e desconhecida da maioria. Assim eficazmente se educa para o património.

*José d'Encarnação*